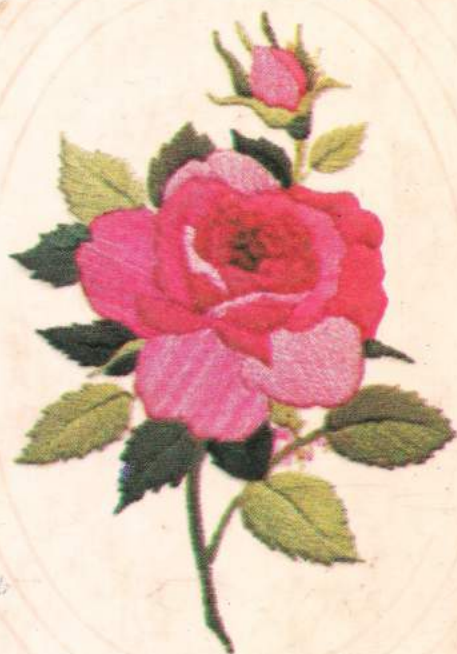


A VIDA CONTA



FRANCISCO
CÂNDIDO XAVIER
MARIA DOLORES

A Vida Conta

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada na Editôra)

Xavier, Francisco Cândido, 1910 -
A Vida Conta / Francisco Cândido Xavier ; pelo espírito de Maria Dolores: diagramação de Vivaldo da Cunha Borges.
— São Paulo: Ed. Cultura Espírita União, 1980.
108 p. : il. 1
1. Espiritualismo 2. Psicografia 3. Imortalidade
I. Vivaldo da Cunha Borges. II Maria Dolores.
III Título.

CDD-133.9
-133.91

Índices para o Catálogo Sistemático:

1. Escritos psicografados: Espiritismo 133.91
2. Espiritismo 133.9
3. Espíritos: Comunicações mediúnicas: Espiritismo 133.91
4. Espíritos: Mensagens filosóficas 133.91



Cultura Espírita União

A Vida Conta

Francisco Cândido Xavier
Maria Dolores

Diagramação: Vivaldo da Cunha Borges

Capa e Produção: Joaquim Alves - Jô

*Fotolito e Fotocomposição: Unida S.A.
Indústria de Artes Gráficas*

*Cultura Espírita União
Rua dos Democráticos, 527 - 04305 Vila Monte Alegre
Caixa Postal 1564 - Jabaquara - S. Paulo
C.G.C. 61.967.220/0001-83*

1ª Edição - 1.º ao 15.º milheiro - Agosto 1980

SUMÁRIO

A VIDA CONTA

1 - TEMPO E NÓS16
2 - PERDÃO NA JUSTIÇA18
3 - ANOTAÇÕES DA FÉ22
4 - RAZÕES DA VIDA24
5 - RECADO DE AMOR26
6 - SERVE E ESQUECE31
7 - BENEFICÊNCIA33
8 - A PONTE DE LUZ34
9 - NOTA DE GRATIDÃO37
10 - ESCOLA BENDITA39
11 - TRAÇO DO CIRENEU41
12 - HONRA DE SERVIR44
13 - ESQUEMA DE LUZ46
14 - SÚPLICAS MATERNAS47
15 - ASSISTÊNCIA FRATERNAL51
16 - APOIO OCULTO52

17 - IMAGINEMOS54
18 - CARIDADE E VIDA56
19 - LEI DE DEUS58
20 - O IRMÃO DO CAMINHO60
21 - NA GRANDE ESCOLA66
22 - PÁGINA DE ESPERANÇA68
23 - MÃE E FILHO70
24 - AFETOS RELEMBRADOS75
25 - NUNCA ESMOREÇAS77
26 - PERDÃO E PAZ78
27 - ANOTAÇÃO FRATERNA83
28 - CERCAS85
29 - EXPERIÊNCIAS87
30 - MINUTOS DE DEUS91
31 - CERTA CRIANÇA94
32 - DEUS TE GARDE99

Maria Dolores, nasceu na cidade de Bonfim da Feira estado da Bahia, aos 10 de setembro de 1901.

Dedicou-se à poesia e ao jornalismo.

Em Salvador assinou à página feminina do jornal "O Imparcial" durante 13 anos; época em que também lecionava humanidades.

Receando à apreciação da crítica especializada guardou para si sua obra poética durante muito tempo segundo confessa no prefácio do livro "Ciranda da Vida". Sua primeira obra publicada foi em benefício da instituição "Lar das Meninas sem Lar", fato esse que propiciou sua entrada no mundo literário. Dedicou-se ao amparo das crianças assistidas pela citada instituição, estendeu sua obra benemérita abrigando em seu próprio lar crianças desvalidas orientando-as e assistindo-as. A "Casa de Juvenal Galeno" no estado do Ceará também recebeu o carinho e a ternura de Maria Dolores.

Em 27 de Julho de 1958 veio a desencarnar. No ano de 1971, através do médium Chico Xavier sua obra poética continua, presenteando-nos com a ternura dos seus ensinamentos transbordantes de amor e fé.



A VIDA CONTA

Sensibilidade a serviço da própria sublimação, Maria Dolores, na Vida Maior, continua a crescer em elevação e sabedoria.

Semeando paz e luz, onde se veja na Terra, contempla a vida e ouve-a na visão e na acústica da mais nobre espiritualidade.

Da faixa de trabalho a que se ajusta, eis que nos expõe revelações comovedoras do sentimento e da natureza, impulsionando-nos a pensar na imortalidade e no amor, na esperança e na beleza, escalando os mais altos domínios da emoção.

Decerto, justamente por isso, ao transmitir-nos ensinamentos e apelos, convites à compreensão e estórias autênticas do seu repertório de observações nas páginas deste livro, deliberou nossa irmã intitulá-lo com esta expressiva legenda: "A VIDA CONTA".

Para nós, os seus companheiros de jornada espiritual, esse nome não poderia ser mais significativo,

porque a existência terrestre, em si, é comparável a um livro divino, em que as lições jamais se esgotam.

Agradecemos, leitor amigo, o trabalho admirável da irmã que se consagrou à exaltação do Bem, sob o patrocínio de Jesus.

Em verdade, a vida conta.

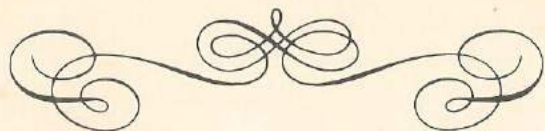
E Maria Dolores canta o que viu e ouviu da própria vida, com a música do seu coração nas palavras.

O Senhor nos auxilie a escutá-la, aproveitando-lhe as mensagens de amor e luz, a fim de que saibamos pensar sentindo e sentir, renovando-nos, de modo a servirmos com mais segurança e eficiência na construção do Mundo Melhor.

EMMANUEL

Uberaba, 15 de Agosto de 1980

15/10/06



1

Tempo e nós

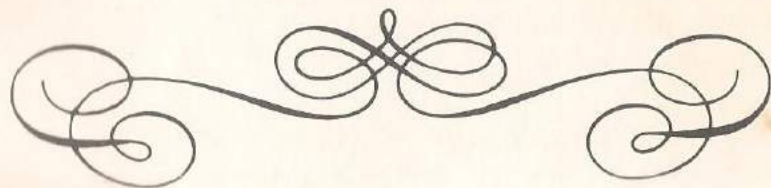
Enquanto o Tempo segue renovando
Os quadros da existência a que se atrela,
Indagas, muita vez, alma querida e bela,
Como vencer na prova a te agredir...
De tudo quanto aprendo, entre as lições do mundo,
Dá-me a estrada, na luta a que me vejo exposta,
Quatro verbos distintos por resposta:
— Amar e compreender, trabalhar e servir.

A própria Natureza é um livro aberto...
Se inquirisses do Sol no firmamento
Como brilhar sem pausa, firme e atento,
Nutrindo mundos sem se consumir...
Ele, decerto, te responderia
Que o Senhor lhe traçou por alta obrigação
Cumprir as leis da vida, tais quais são:
— Amar e compreender, trabalhar e servir.

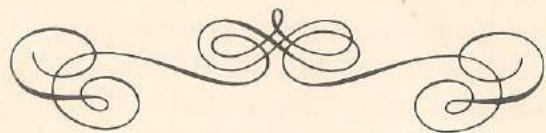
Interroguei, um dia, à roseira podada,
Já que se lhe furtava o véu de rosas,
A pancadas e injúrias espantosas,
Como devia a pobre reflorir;
Ela, porém, me disse, humilde e crente:
— “Enriquecer a Terra é o meu dever
E, se quero evoluir, necessito aprender
Amar e compreender, trabalhar e servir.”

Vejo tratores retalhando o solo,
Dinamites na serra, a partí-la, de todo,
Fontes varando tremedais de lodo,
Árvores venerandas a cair...
E se busco entender a dor do campo,
Nesses despojamentos que pesquiso,
Cada elemento fala que é preciso
Amar e compreender, trabalhar e servir.

Assim também, alma fraterna e boa,
Se trazes sob o Tempo, aflições e problemas,
Constrói, age, confia, crê, não temas
E resguarda no peito o anseio do porvir;
Por mais sofras, não pares, segue à frente,
Enquanto cada dia surge e avança,
Eis que o Céu nos repete, através da esperança:
— Amar e compreender, trabalhar e servir.



22/10/06



2

Perdão na justiça

No tribunal, a agenda da sessão
Era um processo para revisão.

Presentes o juiz e atendentes do foro,
Bacharéis e escrivães juramentados...
Toda a casa mantida por soldados
E no banco dos réus, uma velhinha em choro...

“Quantos anos de pena a acusada cumpriu?”

Ante a fala do juiz, calmo e severo,
Um agente da ordem redarguiu:

— “Quinze anos contados, Excelência.”

O juiz revidou: — “Agora, espero

Que a ré nos esclareça com paciência.”

E interrogou, depois de pequena demora:

— “Foi, então, a senhora

Quem matou o industrial

Num caso que já foi

Plenamente julgado?

— “Fui eu, senhor juiz, num gesto tresloucado...”

Respondeu a infeliz com imensa tristeza,

— “Sem, ao menos, saber porque o fazia,
Talvez por lastimável rebeldia,
Por loucura, não sei... Um revólver ao lado,
Na peça em que me achava trabalhando,
Fez de mim, num momento, estranha criminosa...
Os pensamentos maus como flechas em bando
Invadiram-me a idéia nebulosa
E matei o homem bom que confiava em mim...”

O pranto prorrompeu em crise na acusada,
Pobre e velha mulher, tristonha e maltratada
E o juiz retornou, ao vê-la assim:

— “Segundo o processado,

A senhora possuía

Um filho que também era empregado

Na casa a que servia...

A senhora confirma a alegação?...”

— “Sim,” — disse a ré, mostrando na expressão
Sinais de intensa dor,

— “Esclareço ao doutor

Que na noite do crime

Ele fugiu temendo acusação...”

O magistrado amigo

Contemplou a acusada, enternecidamente,

E avisou-lhe: — “Pois saiba o que lhe digo:

Nessa noite passada,

Perigoso ladrão reincidente,

Penetrando uma casa resguardada,

Foi ferido no peito;

Um projétil causou-lhe vasta hemorragia

E está morrendo num recanto estreito

De nossa improvisada enfermaria.
Antes que a situação se lhe agravasse,
Pedi que um escrivão
Viesse ouvir-lhe confissão...
Perante as testemunhas, face a face,
Acusou-se o autor
De dois crimes de morte e um deles, por sinal,
É aquele do indefeso industrial
De que a senhora aqui ainda se acusa,
Decerto por ser mãe, agindo por amor.”
— “Como, senhor juiz?” — fala a dama confusa.
— “Há quinze anos na prisão,
Sei que matei sem consideração...
Quanto a meu filho nunca mais o vi;
Ele era um rapaz, aos vinte e três de idade,
Quando fugiu, ao ver-me delinquente.
Não pode ser meu filho
O homem que o doutor informa estar aqui,
Meu rapaz sempre foi honesto, inteligente,
Um modelo completo de bondade
Do qual ainda me lembro a elevação e o brilho...”

Mas o juiz pediu à polícia presente
Fosse mostrado à ela o preso que morria.
Quatro soldados, cuidadosamente,
Vieram do interior à sala úmida e fria,
Trazendo o agonizante, em silêncio, na maca...
O volume de sangue que perdera
Impusera-lhe ao rosto estranha cor de cera.

Junto à pobre velhinha, o grupo estaca.
Deposto o leito simples junto à ela,
O pranto se lhe explode, convulsivo.

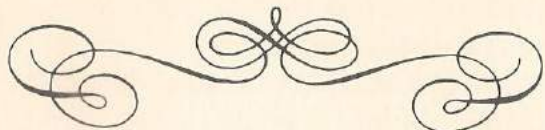
Ajoelha-se a pobre... A dor se lhe revela
E grita para o homem morto-vivo:
— “Filho, meu filho, és tu? Que tens? Responde!...
De onde vens, filho meu, de onde, onde?...”
O ferido, porém, não consegue falar,
Reconhece-a somente pelo olhar...
Demonstra conhecer o beijo que o consola,
Libera a última lágrima que rola...
Ela o guarda no colo em desatino,
Qual se afagasse ainda o seu doce menino...
Vendo a morte, porém, cobrir-lhe os olhos baços,
Sente o filho a partir, na concha dos seus braços.
Louca de dor, exclama: — “Oh! filho muito amado,
Não morras, não te vãs, permanece a meu lado,
Nunca foste ladrão, nunca foste homicida,
Lutaste, quanto eu mesma, entre as provas da vida!...
Oh! Deus, Oh! Grande Deus!... Oh! Pai querido e santo,
Por que fizeste as mães para sofrerem tanto?!...”

O silêncio tomou a sala inteira...

O nobre magistrado, de alma limpa e franca,
Desceu do estrado em que pontificava
E veio em direção da antiga prisioneira...
Beijou-lhe com respeito a cabeleira branca.

Homem justo da lei, agora triste e tenso,
Depôs as próprias lágrimas num lenço.
Em seguida, voltou à própria posição
E declarando livre aquela mãe escrava,
Recordando, ele mesmo, a própria mãe
Que imensamente amava,
Deu por finda a sessão.

29/10/06



3

Anotações da Fé

Se queres elevar-te e engrandecer a vida,
Alma querida, escuta:
De tudo o que produz, serve, ampara e abençoa,
Nada existe sem luta.

Árvore alguma, seja em qualquer parte,
Fornecendo socorro e espalhando alimento,
Cresceu e se formou para doar-se à gleba,
Sem chicotes do vento.

Se talhada em madeira, a mesa que te apoia
O pão de cada dia
Foi nobre vegetal arrebatado à gleba
Para aguentar a serraria.

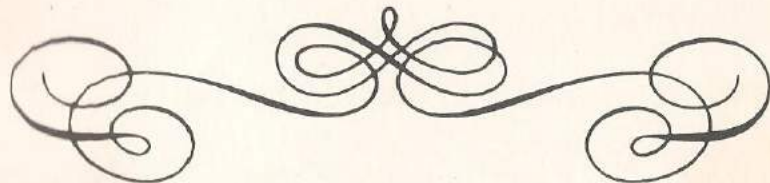
Pedra que te suporta a residência,
Resguardando o equilíbrio que a domina,
Passou por marteladas muitas vezes,
A fim de se ajustar à disciplina.

Quem sonhe paraíso de alegria
Sem sair de poltronas e almofadas,
Quem foge de ser útil, quem se omite,
Olhe as águas paradas.

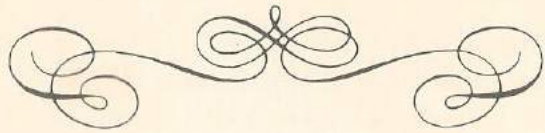
Quem reclama sucesso sem controle,
Menosprezando o sentimento alheio,
Assista a uma corrida em que se note
Algum carro sem freio.

Sem participação, sem sacrifício,
A construção da paz jamais se apruma,
Sem cansaíra não há felicidade,
Nem se obtém conquista alguma.

Alma querida, serve, ama e confia,
Ajuda para o bem seja a quem for,
Trabalho é luz de Deus a burilar-nos
Para o Reino do Amor.



05/11/06



4

Razões da Vida

Indagas, muita vez, alma querida e boa:
— “Meu Deus, por que essa dor que me atormenta o ser?”
E segues, trilha afora, em pranto oculto,
De sonho encarcerado, a lutar e a sofrer.

Anhelas outro clima, outro lar e outros rumos,
Entretanto, o dever te algema o coração dorido
Ao campo de trabalho que abraçaste,
Atendendo, na Terra, a divino sentido.

Antes de renascer, os seres responsáveis
Notam as próprias dívidas quais são
E suplicam a Deus lhes conceda no mundo
O caminho que os leve à redenção.

Não recalcitres, pois, contra os próprios encargos
Que te parecem fardos de problemas,
Encontras-te no encaço da conquista
De bênçãos imortais e alegrias supremas.

A lágrima que vertes padecendo
Longas tribulações, entre lutas e crises,
É um remédio da vida, em nossos olhos,
Que nos faculte ver os irmãos infelizes.

O abandono dos seres que mais amas,
Criando-te a aflição em que choras e anseias,
É um curso de lições em que aprendemos
Quanto custam na estrada as angústias alheias.

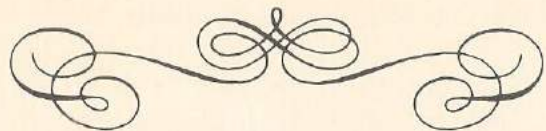
Familiares que te contrariam
Trazem-nos à lembrança os gestos rudes
Com que outrora ferimos entes caros
No fel de nossas próprias atitudes.

Afeição de outras eras que descubras,
Querendo-lhe debalde a presença e a união,
É instrumento de amor que te inspira a renúncia
Para o trabalho da sublimação.

A experiência humana é breve aprendizado
E essa tribulação que te fere e domina
É recurso dos Céus, em nosso amparo,
Zelo, defesa e luz da Bondade Divina.

Sofre sem reclamar a prova que te coube,
Mesmo que a dor te espanque, atingindo apogeu...
E, um dia, excluirás, ante os sóis de outra vida:
— “Bendita seja a Terra!... Obrigado, meu Deus!...”

12/11/06



5

Recado de amor

Chama-se Aurora a nobre companheira,
Uma das que encontrei na hora derradeira
Do corpo cujo laço me prendia;
Mensageira da paz e da alegria,
É um misto de menina, flor e estrela...
Depois de longa convivência,
Em meu novo processo de existência,
Pude efetivamente conhecê-la.

Para logo notei que Aurora onde estivesse,
Ante os amigos de qualquer idade,
Lembrava um coração que, de todo, se desse
A tecer fios de felicidade
Para quem lhe escutasse as palavras de luz;
No entanto, aos poucos, vi que ela trazia
Extenso traço de melancolia,
Obscuro pesar, escondido e profundo.
Sem que eu nada indagasse, certa feita,

Ela me disse: — “Irmã Dolores,
Devo tornar ao mundo
Numa jornada estreita.
Irmã, onde estiveres, onde fores,
Roga ao Céu abençoe a luta que me leva
A socorrer um ente amado,
Para mim, tal qual filho desgarrado,
Nas veredas da treva...”

“Mas não podes, irmã, — perguntei, com cuidado, —
Ampará-lo aqui, sem renascer na Terra?”
— “Não, não posso, — ela disse, é na volta que insisto,
Já que em cinco existências, lado a lado,
Esse filho que eu amo é um homem transtornado
Que fugiu por orgulho à presença do Cristo.”

Depois de semelhante entendimento,
Acompanhei-a, certa vez,
A fim de conhecer-lhe o ente amado
A quem se afeiçoara noutras eras...
Nele encontrei um cidadão prendado,
Esbanjando poder, nome e talento.
Conquanto homem de bem, de maneiras sinceras,
Casado, pai de um filho
Que ainda não chegara a contar quatro anos,
Professor e eminente cientista,
Emitia conceitos desumanos,
Se alguém falava em fé, expondo-se-lhe à vista.

Logo após, muitas vezes,
Ateu maior, entre os grandes ateus,
Dele escutei opiniões como estas:
— “Santos e religiões nessa história de Deus

São lendas de pessoas desonestas,
O espírito é ilusão da mente alucinada,
Quando a morte aparece, a vida é cinza e nada.”

Mas Aurora voltou, — afeição renascida, —
Tomando dele próprio a sua nova vida.
A mãezinha querida, excelente senhora,
Por sugestão do Plano Superior,
Deu-lhe o nome de Aurora...
Tenra criança ainda, ela exprimia amor,
Impressionando ao pai com o luminoso olhar...
No regaço materno, era uma flor no lar.
Crescendo um tanto mais, era-lhe a companhia,
O pai achara nela a fonte da alegria...
Cinco anos apenas e a criança
Endereçava a ele assuntos tais,
Que o genitor se via em profunda mudança,
Nos seus próprios anelos paternais.

Assim que os dois se punham mais sozinhos,
Fosse em casa, nas praias, nos caminhos,
A pequena fazia indagações:
— “Papai, quem fez o mar assim tão grande?
Quem cultivava estas plantas que nós vemos?
Quem criou nossos pés para que a gente ande?
Quem segura no chão a casa em que vivemos?
Papai, quem dá comida aos pássaros na serra?
Quem fez o Sol? será que o Sol assim, tão brilhante e
tão quente,
É uma vela de Deus, iluminando a Terra?”

O pai ouvia a filha, enternecidamente,
E respondia, admirado:

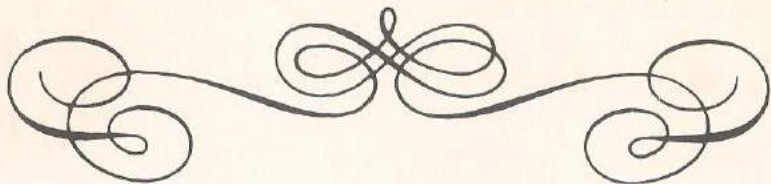
— “Filhinha, vais crescer ao nosso lado,
Tudo compreenderás no momento preciso...”
E parava a pensar, sob longo sorriso.
Após algum silêncio, a expressar alegria,
Vendo as aves saltando, ramo em ramo,
Sempre agarrada ao pai, a pequena dizia:
— “Papai, de tudo o que já sei,
Sabe o que já falei?
Já falei à Mãezinha que eu te amo...”

Mas, um dia surgiu... Há sempre um “mas”
Quando a vida feliz perde o gosto da paz.
A menina adoeceu, inesperadamente
E, após longa pesquisa, o médico anuncia
A presença de estranha leucemia...
Os pais lutaram quais leões, à frente
De um perigo mortal, no entanto, hora por hora,
Notam a pequenina e terna Aurora
A definhar e a definhar...
Até que, em certa noite, unidos a chorar,
Sem qualquer esperança que os conforte,
Viram-na repousar no silêncio da morte.
Lembrando um anjo lindo estruturado em cera,
A filhinha querida adormecera.

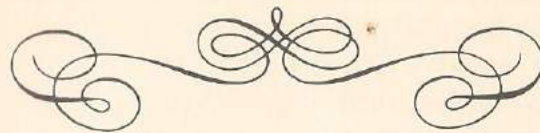
Dois meses sobre os traços da ocorrência,
A pedido de Aurora,
Fui visitar-lhe a residência.
Não mais achei ali a beleza de outrora...
Tentei buscar-lhe o pai que soube ausente
E encontrei-o num quadro comovente;
Estava triste e só num campo santo,
Tateando na lousa o nome da filhinha

E, demonstrando a mágoa que o retinha,
Falava em alta voz, encharcada de pranto:
— “Filha do coração, embora eu viva triste,
A verdade me diz que a morte não existe.
Anjo de paz e amor, é impossível morrer,
Vives hoje no Além, tanto quanto em meu ser...
Perder-te a companhia é toda a minha dor,
Não olvides teu pai, cansado e sofredor!...
Nunca te esquecerei, filha dos sonhos meus,
A saudade de ti trouxe-me a luz de Deus...”

Então, pude anotar
Naquela inteligência em supremo pesar,
Mostrando o coração sem disfarce e sem véus,
Que toda vida curta, ao brilhar e morrer,
Para quem ama e fica, ante o mundo a sofrer,
É um recado de amor no correio dos Céus!...



19/11/06



6

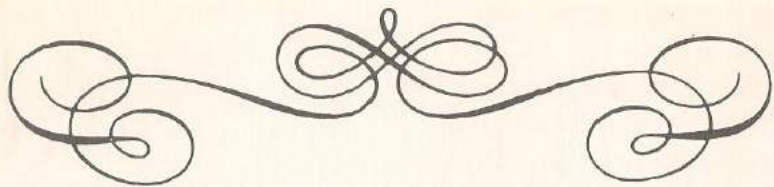
Serve e Esquece

Coração, ouve!... Se queres
A bênção da paz constante,
Trabalha e segue adiante,
Cumprindo o próprio dever...
Para vencer no caminho
Tristeza, treva e pesar,
Muito mais do que lembrar
A vida roga esquecer.

Esquece as mágoas sofridas,
As horas de céu cinzento,
O azedume, o desalento
E os tempos de provação;
Renova-te, dia-a-dia,
Não pares, contando lutas,
Progresso é o lema que escutas
No mundo em transformação.

Tudo procura a vanguarda,
A flor converte-se em fruto,
Do cascalho rijo e bruto,
Eis o diamante a surgir...
O fio forma o agasalho,
A própria noite se esquece
Na aurora que resplandece
Buscando a luz do porvir.

Da própria queda no erro,
Levanta-te e segue à frente,
Servindo incessantemente,
Tudo podes refazer;
Não te detenhas na angústia,
Ante o mal, prossegue e olvida,
As próprias nódoas da vida
A vida pede esquecer.



03/12/06

7

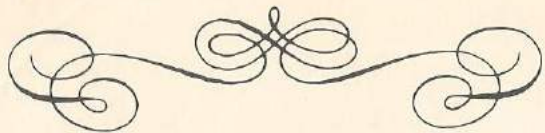
Beneficência

Ante a pessoa que sofre,
Nunca digas "impossível."
Nas sendas de qualquer nível,
Podes doar do que tens;
Para os outros, muitas vezes,
Na prova amarga como é,
Uma só frase de fé
Define o maior dos bens.

Poucos sabem quanto valem
Para uma casa singela
Alguns metros de flanela
Em forma de cobertor,
O pão cortado aos pedaços
Para conforto da mesa,
A força da gentileza
De quem oferta uma flor.

Enxuga com teu sorriso
A lágrima que te alcança,
Estende alguma esperança
A quem se note sem luz;
Qualquer migalha de auxílio
É plantação que se faz,
Rendendo frutos de paz
Nos créditos de Jesus.

10/12/06



8

A Ponte de Luz

Terminara Jesus a prédica no monte;
Nisso, o apóstolo Pedro se aproxima
E diz-lhe: "Senhor, existe alguma ponte
Que nos conduza ao Alto, ao Céu que brilha muito acima"?
Conforme ouvi de tua própria voz,
Sei que o Reino do Amor está dentro de nós...
Mas deve haver, no Além, o País da Beleza,
Mais sublime que o Sol, em fulgor e grandeza...
Onde essa ligação, Senhor, esse divino acesso"?

Jesus silenciou, como entrando em recesso
Da palavra de luz que lhe fluía a jorro...
Circunvagou o olhar pelas pedras do morro
E, depois de comprida reflexão,
Falou ao companheiro: — "Ouve, Simão,
Em verdade, essa ponte que imaginas
Existe para a Vida Soberana,
Mas temos de atingí-la por estrada
Que não é bem a antiga estrada humana".

— "Como será, Senhor, esse caminho"?
Tornou Simão a perguntar.
E Jesus respondeu sem hesitar:
— "Coração que o escolha, às vezes, vai sozinho,
E quase que não tem
Senão renúncia e dor, solidão e amargura...
E conquanto pratique e viva a lei do bem,
Sofre o assédio do mal que o vergasta e procura
Reduzí-lo à penúria e a desfalecimento.
Quem busca nesta vida transitória,
Essa ponte de luz para a eterna vitória
Conhecerá, de perto, o sofrimento
E há de saber amar aos próprios inimigos,
Não contará percalços nem perigos
Para servir aos semelhantes,
Viverá para o bem a todos os instantes
E mesmo quando o mal pareça o vencedor,
Confiando-se a Deus, doará mais amor...
E ainda que a morte, Pedro, se lhe imponha,
Na injustiça ferindo-lhe a vergonha,
Aceitará pedradas sem ferir,
Desculpará injúria e humilhação
Se deseja elevar o coração
À ponte para o Reino do Porvir"...

Alguns dias depois, o Cristo flagelado,
Entregue à própria sorte
Encontrava na cruz o impacto da morte,
Silencioso, sozinho, desprezado...

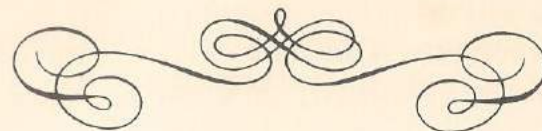
Terminada que foi a gritaria
Da multidão feroz naquele dia,
Ante o Céu anunciando aguaceiro violento,

Pedro foi ao Calvário, aflito e atento,
Envergando disfarce...
Queria ver o Mestre, aproximou-se
Para sentir-lhe o extremo desconforto...

Simão chorou ao ver o amigo morto.

E ao fitá-lo, magoado, longamente
Ele ouviu, de repente,
Uma voz a falar-lhe das Alturas:
— “Pedro, segue, não temas, crê somente!...
Recorda os pensamentos teus e meus...
Esta cruz que me arrasa e me flagela
É a ponte que sonhavas, alta e bela,
Para o Reino de Deus”.

17/12/06



9

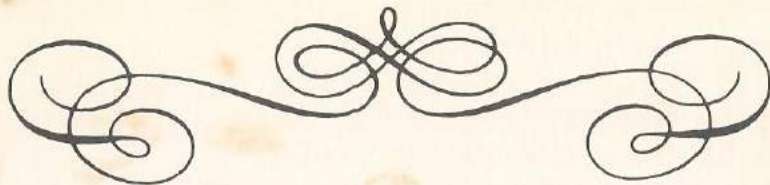
Nota de gratidão

Alma fraterna e boa,
Reconheço que sou quase ninguém,
Mas agradeço em preces de alegria,
O amor com que me amparas, dia-a-dia,
Na seara do bem.

Dos giros de meu pobre itinerário,
Sempre retorno, acalentando o anseio
De atenuar o sofrimento alheio,
A buscar-te o concurso necessário.

Ao recolher-te a bênção de união,
Nas estradas de prova em que prossigo,
Ante o doce prazer de estar contigo,
Bem sei quanto te devo à elevação.

Agradeço as palavras de conforto
Que disseste comigo ao doente sem nome,
Que tanta vez se esfalfa e se consome,
De ânimo fatigado e semi-morto.



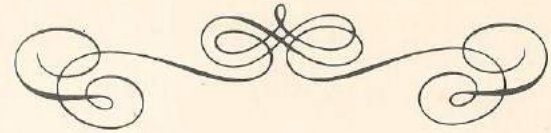
Deus te abençoe a luz de bondade e carinho
Com que me fortaleces a esperança
De não desamparares a criança
Abandonada às sombras do caminho.

Aquele apoio que nos deste
Em auxílio das mães, em desespero e luta,
É um hino de louvor que o Céu escuta,
A envolver-te de júbilo celeste.

O prato, a vestimenta, o agasalho,
Que entregaste aos irmãos em desabrigo,
Tudo o que dás aos outros em trabalho
Converte-se em socorro que bendigo.

Por tudo quanto fazes e não fiz,
Por toda a paz do teu afeto irmão,
Sempre fiel ao bem, sempre nobre e feliz,
Deus te guarde e ilumine o coração.

24/12/06

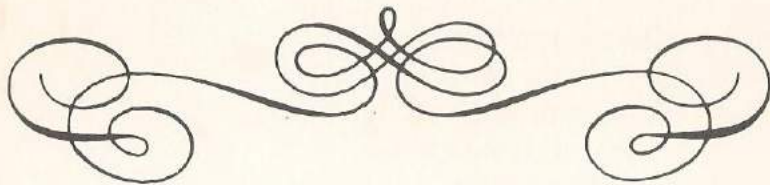


10

Escola bendita

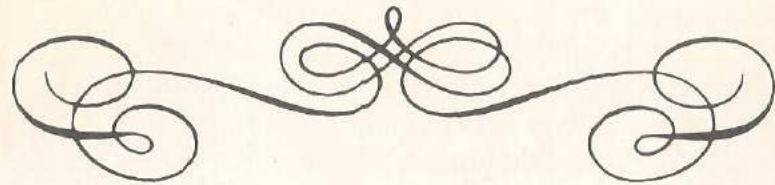
Quem vê a Terra de longe
Nota que o Orbe no Espaço
Recorda um comboio de aço
Varando os céus na amplidão;
Em trilhos de mar e terra,
Conquanto em linha disforme,
Formando o comboio enorme
Cada cidade é um vagão.

Contemplo esse trem-escola,
Conduzindo várias classes,
Em salões de muitas faces,
Cada pessoa é aprendiz;
Todo viajor nessa nave,
Em nome da Luz Divina,
Luta, sofre e raciocina,
Aprendendo a ser feliz.

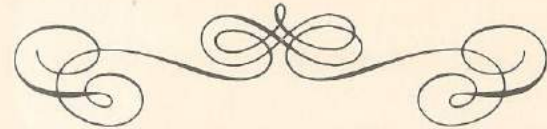


Cada qual em seu refúgio,
Seja palácio ou choupana,
Recebe da escola humana
As lições do Eterno Bem;
Cada aluno está restrito
Ao progresso em que se marca,
Até que, enfim, desembarca
Nas plataformas do Além.

Alma querida, prossegue
No educandário sublime,
Que nada te desanime
Nos dias de prova e dor...
Quem conquista as notas altas
Quem mais se alteia e merece
É quem mais serve e se esquece
Na sementeira do Amor.



7/10/07



11

Traço do Cireneu

O Senhor carregava a cruz dificilmente...
A sentença cruel, afinal, se cumpria.
Liberto Barrabás, Jesus no mesmo dia,
Era levado à morte, ante a ironia
Do fanatismo deprimente...

Brados, alterações, zombaria, algazarra...
O Excelso Benfeitor, no lenho a que se agarra,
Curva-se de fadiga, arrasta-se, tressua,
Escutando em silêncio os palavrões da rua.

O cortejo prossegue... O Cristo, passo em passo,
Por um momento só, exânime fraqueja;
Ajoelha-se e cai, vencido de cansaço.
O povo exige a marcha, excede-se, pragueja...

Nisso, um campônio vem da gleba com que lida.
É Simão de Cirene, homem simples e forte.
Um meirinho lhe pede apoio na subida,
Deve prestar auxílio ao condenado à morte...

— “Como, senhor? não posso”!... — exclama o
interpelado, —
“Tenho pressa”!... No entanto, o funcionário insano
Grita-lhe em rosto: — “Cão, obedece ao chamado”!...
E mostra-lhe o rebenque a gesto desumano...

Calado, o lavrador atende e silencia,
Toma parte da cruz sobre o ombro robusto,
Fita o Mestre cansado e o suor que o cobria...
A turba escala o monte e alcança o topo a custo.

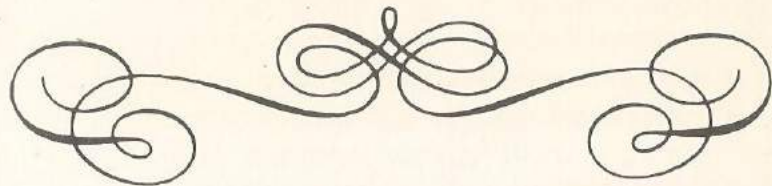
Contemplando Jesus, por fim, deposto o lenho,
Diz-lhe Simão: — “Senhor, achava-me apressado...
A filha cega e muda é o tesouro que eu tenho,
Não queria ferir-te o peito atribulado.

Perdoa, se aleguei a urgência em que me via...
É o coração de pai que falava a chorar...
Sei que estás inocente, ampara-me, alivia
A dor que me avassala e me atormenta o lar”...

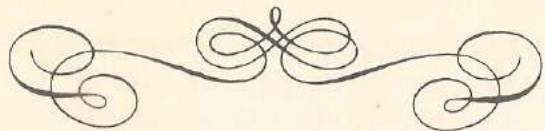
Jesus endereçou-lhe um aceno de ternura,
Em meio à multidão, apupado, sozinho
E acentuou: — “Simão, guarda a fé que te apura,
Todo o bem que se faz é uma luz no caminho”.

O cireneu, de volta, acha a enorme surpresa...
Fala-lhe a filha: — “oh, pai, uma luz veio a mim,
Agora vejo e falo, acabou-se a tristeza,
Tenho a impressão que a Terra é um formoso jardim”!...

Simão chora, lembrando a cruz que traz na mente
E reconhece o bem por divino troféu,
Que mesmo praticado involuntariamente
É uma força atraindo a intercessão do Céu!...



14/01/02



12

Honra de servir

Às vezes, alma irmã, dizes que a vida
É um tecido de lutas colossais,
Que não tens paciência de sofrê-las,
Que não suportas mais.

Acalma-te, no entanto, pensa e nota:
Sem que os problemas surjam tais quais são,
Tudo seria o caos no campo da existência,
Deserto sem degraus de elevação.

— “Paciência, — explicou-nos sábio amigo, —
É o respeito ideal que se mantém,
Entre os seres e as vidas que se entrosam
Para a realização do Eterno Bem.”

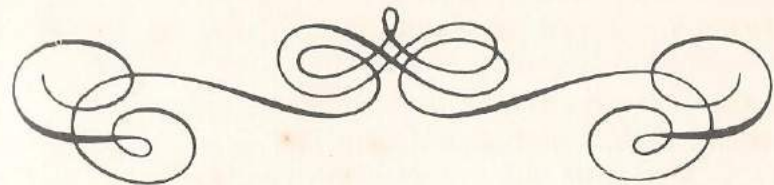
Para que não se faça barro e lodo,
Pântano incomodando o próprio ar,
Deve a fonte servir no curso a que se prende,
No anseio de atingir a grandeza do mar.

Se o trigo recusasse a mó que o pulveriza,
Faria nobre prato com certeza
Ou talvez fosse adorno para o mundo,
Mas não seria pão brilhando à mesa.

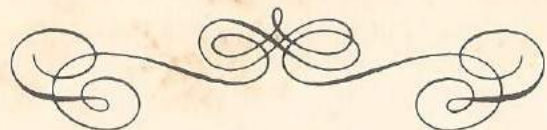
Sem controle da usina que a governa,
Depois de acumulada onde se ativa,
Seria a força da eletricidade
Unicamente força destrutiva.

Se quisesse fugir da órbita a que atende,
Seria o próprio Sol, nos espaços profundos,
Um monstro luminoso sem destino,
Perturbando a mecânica dos mundos.

Paciência, alma irmã, é o dom do entendimento,
A honra de servir que temos ao dispor,
Para erguer, ante os Céus, nos distritos da Terra,
O caminho da Paz e a presença do Amor.



21/07/07



13

Esquema de luz

Não chores. Trabalha sempre.
 Não condenes. Abençoa.
 Não te revoltes. Perdoa.
 Cultiva o amor fraternal.
 Não te detenhas. Prossegue.
 Nada reclames. Confia.
 Busca a celeste alegria,
 Doando o bem pelo mal.

Não te lastimes. Espera.
 Não combatas. Colabora.
 Serve e serve, hora por hora
 No ideal que te conduz.
 E encontraremos mais cedo.
 No amor unido à verdade,
 A luz da felicidade
 Em nosso esquema de luz.

28/07/07

14

Súplicas maternas

Foi num átrio de luz, adornado de flores,
 que acompanhei a cena.

Seguida por amigos e instrutores,
 Uma assembléia reduzida
 De mães que vinham da aflição terrena,
 Após vencer no imenso mar da vida
 Lutas de amor em bases de humildade,
 Receberia certidão
 Para elevar-se a mundos de eleição
 Em plenitude de imortalidade.

Era um grupo de nobres heroínas
 Pela fidelidade às Leis Divinas.

O Emissário do Alto, dirigente
 Da bela promoção
 Tomou voz e falou, fraternalmente,
 Com palavras seguras
 Da vida luminosa das Alturas,
 Na qual toda a assembléia encontraria
 Os tesouros da paz e da alegria
 Em sublime ascensão.

Terminada que foi a mensagem ouvida,
 Certa mulher ergueu-se enternecida
 E rogou, inflamada de esperança:

— Mensageiro de Deus, tenho um filho a lutar
Num presídio do mundo...
Como seguir, além, buscando o Excelso Lar,
Se o tenho na memória a me chamar,
De segundo a segundo?
Se posso receber algum favor da Lei,
Permite-me voltar à casa em que morei;
Quero tornar à Terra... Necessito
Balsamizar-lhe o peito enfermo e aflito...

Outra pediu a desfazer-se em pranto:
— Preclaro Mensageiro do Senhor,
De que modo olvidar a filha que amo tanto,
A implorar-me socorro, em preces de amargor?...
Pobre filha estirada
Em medonha cilada
De treva, luta e lama!...
Como pode haver céu para a dor de quem ama?
Anseio regressar aos meus antigos laços
Porque, acima de tudo,
Quero a filha que Deus me colocou nos braços!...

O Embaixador ouvia triste e mudo,
Quando outra mulher se ergueu a reclamar:
— Anjo do Bem, sou mãe... Tenho um filho a chorar...
Não posso recolher-me a descanso ilusório...
Se tenho o meu rapaz num sanatório,
Não me cabe envergar os louros da subida,
Devo tornar à Terra e amenizar-lhe a vida...

Outra rogou ainda, em tom comovedor:
— Emissário Bendito do Senhor,

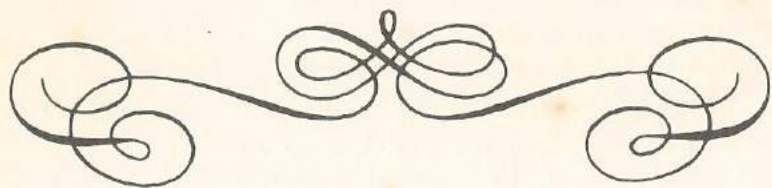
Ampara-me o problema,
Tenho um filho a sofrer, sob penúria extrema...
Creio que a Lei de Deus é a própria Lei do Amor.
Como largar meu filho encarcerado e louco,
Suportando remorso e a morrer pouco a pouco?
Sei que faliu e errou... É um pobre delinquente,
Pobre filho doente...
É minha obrigação aliviar-lhe as penas,
Não posso abandoná-lo às provações terrenas.

Ergueram-se outras mães, quais estrelas cativas,
Formulando, em comum, as mesmas rogativas.

Um as sinalavam filhos sob o peso
De trabalho violento,
Outras lembravam filhas em desprezo,
Escravizadas pelo sofrimento.

Concluídas as preces, o Emissário
Explicou-se, tomado de emoção:
— Irmãs, o vosso amor é aquele do Calvário,
Que nasceu do Senhor, nos tormentos da cruz,
Amor que imperará na Terra do porvir,
Que sofre sem dever e se dá sem pedir,
Bênção do coração a converter-se em luz!...
Alma que conquistou esse poder divino
Pode escolher na vida o seu próprio destino...
A vossa promoção é mantida, porém,
Não podeis alterar a Eterna Lei do Bem...
Já não mais sereis mães, sereis anjos da guarda,
Junto aos entes que amais na grande retaguarda...
Deus vos guarde e ilumine a divina missão
De renúncia e de paz, de socorro e perdão.

Companheiros na fé que nos governa,
Considerai conosco esta nota fraterna:
— Ante os irmãos que o mal espancou em caminho,
Estendei vosso amparo com carinho,
Seja por vossas mãos ou a vosso mando...
Nunca vos esqueçais de que, ao pé da criatura,
Que se atirou na prova em que seapura,
Um anjo maternal está velando...



04/02/07

15

Assistência Fraternal

Deus te compense, alma boa,
A ti, que estendes a mão,
Repartindo alegremente
Carinho, agasalho e pão.

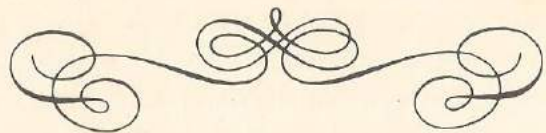
Deus te envolva em alegria
Todo esforço de esquecer
A ofensa que se te faça,
Buscando a paz por prazer.

Deus te exalte o gesto amigo
Quando levantas alguém
Da tristeza do infortúnio
Para as estradas do bem.

Deus te engrandeça o trabalho
Com que te esqueces e vais
Auxiliar e servir
Àqueles que sofrem mais.

Por toda a bênção que espalhes
Que o mundo nem sempre diz
Que a Vida te recompense
E Deus te faça feliz.

11/02/07



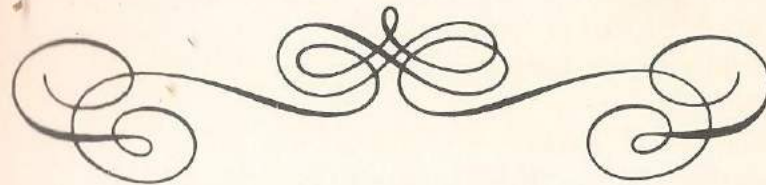
16

Apoio oculto

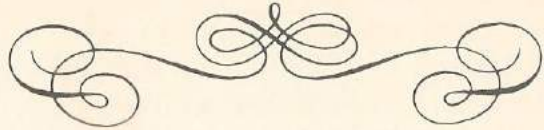
*Escuta, coração,
Seja qual for
A nuance de dor
Que te mergulha em aflição,
Nunca te dê à intemperança
Do azedume que se inclina
Para a sombra abismal da indisciplina
Sem qualquer esperança.*

*Por maior seja o vulto
Da mágoa que te fere a alma dorida,
Resguarda-te na paz que nos defende a vida,
Sem cair em tumulto.
Procura o bem, nas trilhas em que vamos,
Cala-te, serve, age, abençoa e não temas,
A bondade de Deus jamais nos dá problemas
De que não careçamos.*

*Crise, tribulação, instante de agonia,
Desilusão, tristeza e dissabor
São medidas de amor
Com que o Céu nos protege, dia-a-dia.
A passagem do tempo não é vã
E, ante a luta maior, a que a vida nos leva,
Tudo o que nos pareça prova ou treva
Será-luz amanhã.*



18/02/07



17

Imaginemos

Sofres e lutas?
Alma fraterna, enquanto aqui me escutas,
Imagina a caudal de sofrimentos
Que rola pelo mundo...

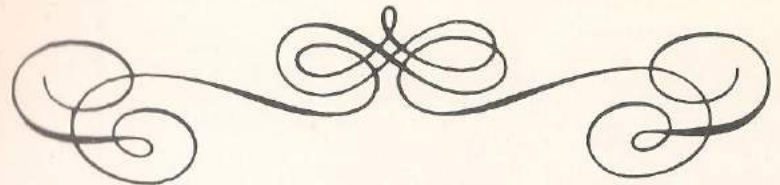
Pensa nos dias lentos
Dos que gemem a sós, de segundo a segundo,
Do pardieiro humilde aos grandes hospitais...

Se, em verdade, pudesses
Contar as lágrimas e as preces
Que surgem sem cessar
Nos que faziam duras provações
Sem apoio e sem lar,
Carregando nos próprios corações
Inquietação, angústia, sombra, desventura...

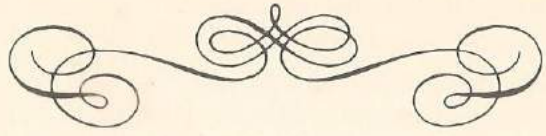
Se pudesses somar
As chagas, os desgostos e os gemidos
Na alma triste e insegura
Dos irmãos perseguidos
Por pedradas da injúria e açoites do pesar...

Se enumerasses todas as crianças
Que por falta do amor a que te elevas,
Sofrem deformações, suplícios e mudanças,
Da infância rejeitada à revolta nas trevas.

Se pudesses fitar, analisar, transpor,
No caminho em que avanças
Aflições que talvez nunca enxergaste em derredor,
Certo que a tua dor
Ficaria menor.



20/5/02



18

Caridade e vida

*Partíamos. — a equipe de serviço —
Para aprender na Terra a servir por amor,
Quando ouvimos atentos.
A palavra serena do Instrutor: —*

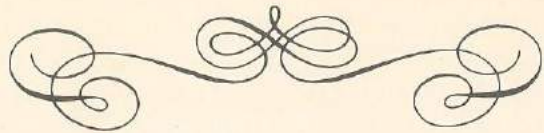
*— Irmãos, a Terra é sempre a nossa grande escola,
Onde plantar o bem lembra luta renhida...
Tereis convosco a Eterna Providência,
Ide e considerai primeiro a vida.
Deus clareou a inteligência humana
E a inteligência humana fez do mundo
Amplio facilitário de trabalho,
Que lhe nasceu do cérebro fecundo!...
Naves e ondas, firmamento afora,*

*Cidades ostentando harmonia e grandeza,
Máquinas, invenções e experimentos,
Tudo é sagrado para a Natureza.
Entretanto, anotai! Antes de tudo,
Na Civilização da Nova Era,
Sois obreiros do amor, caminho adiante,
Na seara do bem que vos espera!...
Entre os carros triunfantes da cultura
E os louros imortais de nobres gênios,
Crueldade e violência, ódio e penúria,
São chagas ancestrais de outros milênios...
Estampai vossa voz nas vozes generosas
Que renovam a fé nas almas combalidas,
E ponde as vossas mãos nas mãos abençoadas
Que socorrem a dor, lavando-lhe as feridas!...
Ide à mágoa das mães, na provação que oprime,
E extirpai-lhes do peito o fel do desconforto
Amparai as crianças desprezadas
E evitai sobre a Terra o estigma do aborto!...
Não vos equivoqueis, fitando a Ciência,
Refulgindo no chão e conquistando Espaços,
A Humanidade em si, chora, aflige-se e clama,
Esperando por Deus em vossos braços!...*

*Finda a palavra do mentor amigo,
Eis-nos na Terra, ao sol, ante o mundo opulento
Das cidades que brilham carregando,
Insegurança, angústia e sofrimento...*

*Então reconheci que acima do progresso
Dos grandes povos-reis que se transformarão,
Somente a Caridade, assegurando a vida
Pode criar na Terra a paz do coração.*

03/06/07



19

Lei de Deus

Quando a sombra te envolva, em cárcere de angústia,
E entregas-te à oração, ante os golpes da vida,
Perguntas, muita vez, alma querida,
Onde a luz que te venha libertar...
Do que tenho a rever em meus testes no mundo,
Posso apenas dizer-te às horas de agonia
As mesmas sugestões que a prece me trazia:
— Esperar, esperar...

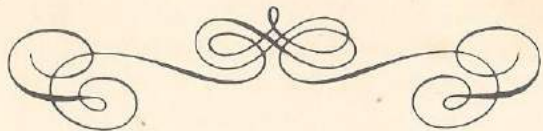
Espíritos na Terra, herdando de nós mesmos,
Temos, quase nós todos, as raízes
De débitos e tramas infelizes
Que asumimos outrora, sem pensar...
Nos instantes de Hoje, o Tempo nos revisa
E clamando ao colher de nossa plantação,
Eis que o Mundo nos pede ao coração:
— Esperar, esperar...

Não te lastimes, pois... Todos os seres,
Do abismo aos céus, do mineral ao homem,
Sem correções e lágrimas que os domem,
Nunca se arredariam de lugar;
Não há lição sem preço no caminho,
Toda ascensão exige esforço e luta,
Por isso, a Vida fala e a própria Vida escuta:
— Esperar, esperar...

A semente no chão aguarda a flor e a flor reclama o fruto,
A noite espera o Sol retomar o horizonte,
O deserto suplica o bálsamo da fonte,
A fonte busca o rio e o rio pede o mar;
A gradação, porém, tudo acompanha e rege,
Na voragem do Tempo, a Justiça se esconde
E, ao tumulto da pressa, a lógica responde:
— Esperar, esperar...

Assim também, alma fraterna e boa,
Aceita a prova justa, aguarda e pensa,
Deixa que, um dia, a dor te elucide e convença
A esquecer-te no Bem e a servir por amar,
Então compreenderás nas forças do Universo
Que o próprio Deus na Lei, que ele Mesmo
estruturara,
Diz, no imo do ser, em cada criatura:
— Esperar, esperar...

27/05/07



20

O irmão do caminho

Simeão era muito moço ainda
Quando escutou a história de Jesus
E, acendendo esperanças na alma linda,
Inflamou-se de fé, amor e luz...

Morando numa choça da montanha
Junto de antiga estrada, sem vizinho,
Era a bondade numa vida estranha,
O amigo dedicado aos irmãos do caminho.

Lia os ensinamentos do Senhor,
Mas afirmava precisar
De ação que lhe exprimisse o grande amor
Na fé que decidira praticar.

Na pequena morada, pobre e agreste,
Cavou no solo um poço... Água de mina,
Que ele, olhos em luz e sorriso na face
Oferecia a quem passasse
Por lembrança de paz da Bondade Divina...

Viajores a pé, na vereda escarpada,
Se chegavam ali, no entardecer,
Podiam descansar das fadigas da estrada,
Ouvindo Simeão que os fazia viver
Casos da natureza simples e selvagem...
Era a história das aves de viagem
Que paravam por lá, na primavera,
A descrição dos melros e dos ninhos
Que defendiam valorosamente
Os frágeis filhotinhos!...
A saga do pardal inteligente
Que lhe comia as uvas do quintal...
Em seguida, falava aos interlocutores,
Das lições de Jesus, da beleza das flores,
Do sol no amanhecer e das flautas do vento...
E se alguém lhe indagava de onde vinha
Para a estreita choupana que o detinha,
Explicava, de jeito improvisado,
Que ele fora, ao nascer, um pequeno enfeitado
As portas de um convento.
Crescera trabalhando em lavação de prato,
Mas amava a Jesus, de tal maneira,
Que, homem feito, o mosteiro lhe doara
O recanto de mato,
Na montanha empedrada
E os restos da tapera abandonada
Onde ele cultivava uma antiga parreira...

Quando a noite avançava,
O irmão do caminho
Colocando em trabalho a candeia de azeite,
Dava a cada viajante
A tigela de leite

Que provinha das cabras que criava...
Mas, não ficava nisso...
Fizera Simeão um compromisso:
Recordando Jesus,
Ante os primeiros doze seguidores,
Lavava os pés de todos os viajores;
Logo após, era, enfim, uma prece ligeira
Antes que cada um tomasse a própria esteira.

Simeão alcançara os oitenta janeiros,
Trabalhando e servindo, dia-a-dia,
Sem quaisquer outros companheiros
Que não fossem viajantes
A pedirem pousada, companhia,
Uma noite de paz ou um copo de água fria.

Certa noite chuvosa, escorado a um bordão
De corpo recurvado para o chão,
O estimado velhinho
Sentia-se sozinho...
De quando em quando, abria a porta,
Podia haver algém varando a noite fria e morta,
Mas não vinha ninguém...

Era Natal... Quase ninguém saía
Dos recessos do lar
A fim de lembrar
A noite que trouxera o Grande Dia.

Antes de recolher-se, Simeão
Meditando em Jesus colocou sobre a mesa
Uma flor lírial da natureza
E depôs sobre ela,

Qual medalha singela,
Uma efígie miúda de criança
Com Jesus pequenino na lembrança...

Em seguida, deitou-se fatigado,
Deixando, a muito custo, o apoio do cajado...

O velhinho velava, ouvindo a voz do vento...
Lá fora, o temporal fizera-se violento.

Alta noite, uma voz chamou, baixinho:
— “Simeão, Simeão!... Meu irmão do caminho”!...
— “Quem sois vós”? — respondeu o interpelado.
— “Um peregrino desacompanhado...
Rogo pousada, irmão”! — clamou o forasteiro.
Ergueu-se devagar o cansado hospedeiro.
Fez luz, abriu a porta.
Mas o vento apagou a chama semi-morta.
— “Entrai”!... — disse o velhinho, —
— “Agora sei que não estou sozinho”.

Acendendo, de novo, a mecha da candeia,
Ante o brando clarão que renasce e se alteia,
Vê o recém-chegado a se acolher num canto...
Era um homem de rosto triste e doce,
Calado qual se fosse
Alguém a ouvir os próprios pensamentos...
Simeão enxergou-lhe os pés sangrentos,
Os cabelos molhados, a tristeza...
Fez fogo para dar-lhe o leite quente
E, ao estender-lhe a humílima tigela,
Indagou-lhe o viajor
Por que a flor singela

Que ele notava sobre a mesa em frente...
Simeão respondeu ao peregrino:
— “Estamos no Natal e muitas vezes penso
Que Nossa Mãe do Céu, em seu amor imenso
Era uma flor de Deus, dando à luz um menino”...

O homem sorriu sem nada comentar...

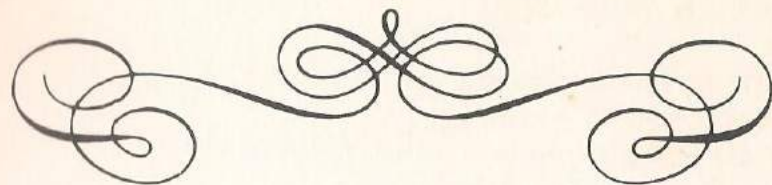
O velhinho, entre passos mal firmados,
Sempre movimentando a luz acesa,
Trouxe a bacia de água morna e leve
Mergulhando-lhe os pés ensanguentados...
Ao ver-lhe os dedos maltratados,
Disse ao viajor, tomado de surpresa:
— “Quanto sangue verteis!... Como tendes andado”!...
Deu-lhe o estranho viajante esta resposta leve:
— “Deus te abençoe, amigo, a assistência bem-vinda!...
Creio que devo andar por muito tempo ainda”!...

De joelhos, Simeão,
Em lhe lavando os pés com infinito carinho,
A refletir nas pedras do caminho,
Ao lhe tocar nas crostas das feridas
A fim de removê-las,
Viu que as chagas abertas
Eram duas estrelas...
O velhinho assombrado
Buscou fitar-lhe as mãos com ternura e respeito
E viu que estavam nelas
Grandes marcas da cruz, luminosas e belas,
Ampliando o fulgor que lhe envolvia o peito...

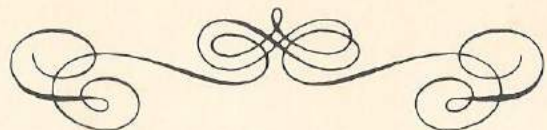
Ele grita, chorando de alegria:
— “Jesus!... Sois vós Jesus”?!...
E o Senhor, levantando as mãos em luz,
Disse, abraçando o ancião:
— “Vem a mim, Simeão,
É chegado o teu dia
De repouso e de luz no Mais Além”...

Simeão esqueceu a velhice e o cansaço
E pousou a cabeça em seu regaço...

Depois do amanhecer, outros viajantes
Chegaram como dantes,
Pedindo água, descanso, reconforto,
Mas viram que o irmão e irmão do caminho
De joelhos, parado, ali sozinho,
Muito embora sorrisse, estava morto...



08/12/18



21

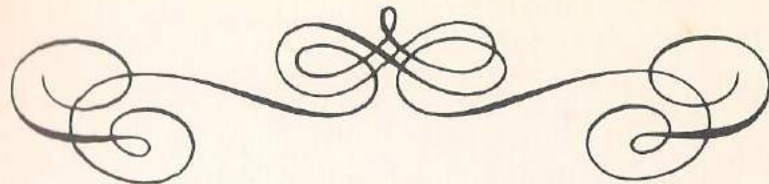
Na grande escola

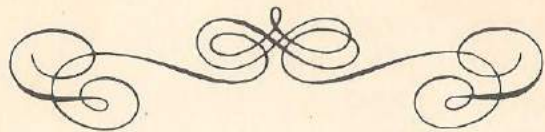
Por vezes, alma querida,
Recolhes-te ao desalento,
Como quem traz fogo lento
No imo do coração...
Não te detenhas, no entanto,
Trabalha, medita e escuta:
Não há vitória sem luta
Nas sendas de elevação.

Na grande escola da vida,
De quanto anoto e conheço,
Toda alegria tem preço,
Seja na Terra ou no Além;
Ama e crê, serve e perdoa,
A dor que te desafia
É bênção de cada dia,
Degrau de ascensão ao bem.

Não te lastimes. Trabalha.
Fita o próprio mundo em torno,
O trigo morre no forno
Para ser pão a servir;
A argila desaparece,
Sob tensão desumana,
Fazendo-se porcelana,
Enriquecendo o porvir.

Assim também, tempo afora,
Ajuda, apoia, esclarece,
Acende a chama da prece
E segue à frente, alma irmã!...
Por mais triste seja a noite,
Que te envolve a caminhada,
Nas luzes da madrugada,
O dia volta amanhã.





22

Página de esperança

Escuta, companheiro,
Seja qual for teu nome,
No trânsito da vida,
Se estiveres em descida
Na direção de algum despenhadeiro,
Ou se houveres caído,
Mesmo de grande altura,
Não te julgues perdido,
Porque, de qualquer modo,
A bondade de Deus nos cerca e nos procura.

Se tombaste em caminho,
Sem recursos de erguer-te,
Por mais que a situação te desconcerte,
Não te guardes inerte,
Arrasta-te e prossegue
Mesmo devagarinho
Porque um pouso haverá mais adiante,
Inda que seja feito em pedra bruta,
No qual Deus te socorre por alguém,
Limitando-te a luta.

Caso o pé se te resvale
E roles sem defesa
Na encosta de algum vale,
Segura, de improviso, essa ou aquela raiz,
Que Deus te mostra de repente
Para que não te faças infeliz.

Se caíste na lama,
Não te suponhas sem amparo,
Pensa na luz do sol que dia-a-dia,
Em todos os instantes,
Surge secando o pântano, de leve...
Também Deus, pelo sol do amor ilimitado,
Espera te levantes,
Em tempo claro e breve.

Mas, se desceste pelo abismo abaixo
E te notas tão fundo
Que não percebes mais
As mensagens do mundo,
Ainda assim, não te dês à mágoas por sofrê-las,
Ergue os olhos na treva que te alcança,
Verás que Deus te envia o facho da esperança
Pela luz das estrelas.

Sem dúvida, a justiça, alma querida e boa,
É lei do próprio Deus que nos aperfeiçoa,
Mas Deus, por si, é sempre o Eterno Bem,
O Pai que a todos ama e a todos abençoa,
Que a ninguém desampara,
Nem esquece ninguém.

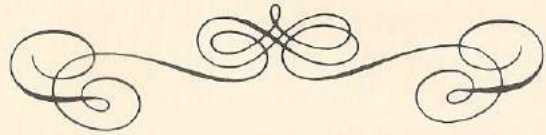
69

André Luís
15

André Luís
15

69

André Luís
15



23

Mãe e filho

A cena se passou em residência nobre.

A dama não disfarça a palidez que a cobre,
Enquanto o filho, um jovem excitado,
Fala exaltadamente ao coração materno:
— “Mãe, não aguento mais! E agora vivo armado...
Meu pai deve saber que eu hoje me governo.
À força de conversa, adubada a dinheiro,
Ele está conquistando a moça que eu adoro,
Aquele de quem sou o fiel companheiro,
A mulher que sonhei, o apoio em que me escoro;
“Moça livre,” diz ele, — mas aquela
Pela qual posso ver a vida clara e bela...”

A senhora escutava, em profunda tristeza,
Como quem se esquivava à opinião qualquer,
Mas o filho aditou: “A senhora é mulher
Que parece feliz de ser fraca e indefesa...
Surge uma, vem outra, amante sobre amante,
E a senhora parada, inerte, tolerante...
Mas agora a questão é diferente,
Se eu tiver a certeza que não quero,
Meu revólver fará, exatamente,
O meu desejo de apagá-lo a zero...”

A pobre mãe, por fim, comentou com cuidado:
— “Filho, perdoe seu pai, ele vive enganado;
Não me sinta mulher, sem carinho e sem zelo,
Sucede que seu pai se assemelha a um menino,
Que Deus nos colocou no campo do destino...
É preciso ampará-lo e compreendê-lo.
Claro que sofro e muito, ao vê-lo desgarrado,
Sempre longe de nós, a deixar-nos de lado...
Mas Deus não nos despreza. Acharei na oração
O meio de encontrar nossa antiga união.
Não lute com seu pai, seja a questão qual for,
Ninguém consegue a paz, sem guardá-la no amor.”

Mas o jovem gritou: — “Não penso assim,
O caso com meu pai é uma bala no fim.”

As horas deslizaram sobre as horas.
O pai arrebatou ao próprio filho,
Sem maior empecilho
A moça a que o rapaz se dedicara,
Enquanto o coração materno, atento à devoção,
Pedia ao Céu auxílio e proteção.

Alguns meses passados,
Numa noite de folga e de alegria,
Realizava-se um baile à fantasia.
Clube repleto. Muitos convidados.
Perfumes raros. Roupas esvoaçantes.
A orquestra a destacar-se em músicas vibrantes...
Muitas damas, em lindas cabeleiras,
Disfarçavam-se em máscaras pequenas.
Grupos e coquetéis. Conversações amenas.
Homens bem postos. Belas companheiras.
Quase oculto, por trás de uma cortina,
O moço acompanhava o pai que dançava, feliz
Com formosa mulher espartilhada,
Divinamente apresentada
Em traços juvenis.

O genitor entusiasmado
Era todo elegância e cortesia...
E os dois bailam, mantendo espantosa harmonia,
Mostrando, de um ao outro, apego desmarcado.

O rapaz, entre a cólera e o despeito,
Julga ver na mulher notável que dançava
A moça que ele amava...

Obedecendo a impulso subitâneo,
Sente o ciúme a espicaçar-lhe o peito...
O crime é a idéia triste a lhe estourar no crânio...
Toma o revólver sob a mão tremente,
Escondido no bolso de lã fina,
Põe-se, de todo, atrás da pesada cortina,
Senta-se, faz a mira,

E vendo, de mais perto, o par que dança, em música
envolvente,
Ele, impulsivo, atira,
Pretendendo arrasar o pai que baila, alegremente.

Mas a dama qual se lhe adivinhasse
O intuito manifesto,
Na rapidez de inesperado gesto,
Coloca-se-lhe à frente.
O projétil lhe atinge o nívoo busto.
O tumulto aparece. O cavalheiro
Abandona a mulher e afasta-se, ligeiro.
Tudo é perturbação, ruído e susto.

No entanto, o delinquente apaixonado,
De arma oculta, destaca-se na cena,
Mostra a face de horror que inspira pena
E clama, desvairado:
— “Esta mulher é minha companheira!
Quero um carro, depressa!... Um médico!... O hospital!...
Quero salvá-la!...” E, em seguida se inclina,
Sobre a vítima em sangue, estendida no chão...

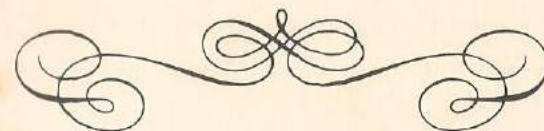
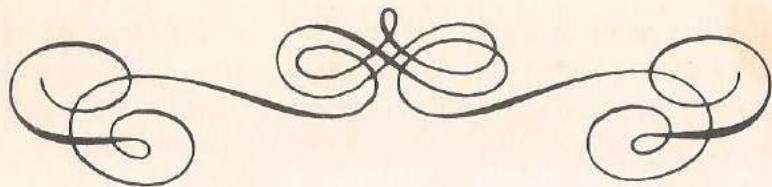
A surpresa é geral.
O ambiente é de angústia no salão...

Adentro do hospital, eis que o médico atento,
Junto ao rapaz, começa o atendimento.
Retiradas, porém, a bela cabeleira
E a máscara de seda leve e fina,
Ante o sangue que escorre
Sob a pinça sutil da medicina,
O moço reconhece, a soluçar de espanto,

Na vítima que morre
A própria mãe que ele adorava tanto...

Ele grita: "Meu Deus, por que? por que, Mãezinha?
A senhora no mundo é o tesouro que eu tinha..."
Ela, reunindo as forças que a deixavam,
Embora fraca, respondeu-lhe, ainda:
— "Meu filho, a vida é linda
Pelo amor que se tem...
Você, filho querido, é meu sonho e meu bem!...
Não lute com seu pai, seja a questão qual for,
Ninguém consegue a paz, sem guardá-la no amor..."

O médico enxugou a lágrima pendente.
E, enquanto o jovem soluçava à frente,
A senhora, ao deixar o corpo já sem vida,
Como se agradecesse, em paz, a própria cruz,
Estampou sobre a face dolorida
Um sorriso de luz.



24

Afetos relembrados

Alma querida, escuta:
Depois de compromissos assumidos,
De coração atônito, avistaste
Formosas afeições de tempos idos...

Não sabes definir o sentimento
Que te parece fome, em que lutas e esperas,
Ansiando reaver cuidados incessantes,
Contatos e alegrias de outras eras.

Eis que a reencarnação, vedando-te as lembranças,
Não te deixa extrair da névoa transitória
Nomes e posições, impulsos e ocorrências
Que a vida te guardou no escrínio da memória...

Mas a lei da atração te fala sem barulho,
Na força do reencontro inesperado,
Sobre a nova expressão em que se te apresentam
As ligações que vovem do passado.

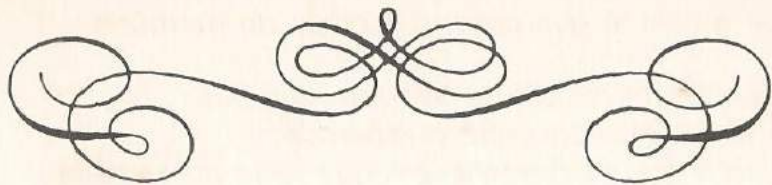
Alma presa ao dever em que te ajustas,
Bastas vezes te vês em pranto ardente;
Queres reter, de novo, os laços prediletos
De que vives ausente.

Entretanto, alma boa, louva sempre
A prova que te envolve o próprio "eu"...
Firam-te estranhas dores, permanece
No trabalho que o Céu te concedeu.

Ama, abençoa, ampara, esclarece, aprimora...
Essas almas queridas
São flores que plantaste noutro tempo.
Entre sombras e luzes de outras vidas.

Não lhes negues carinho e reconforto,
Mas não te faças coração em chama,
Ensina-lhes o amor em sacrifício
Com que o Cristo nos ama.

Cumpre as obrigações em que Deus te resguarda,
Sem de leve rompê-las...
E, um dia, encontrarás o amor de teus sonhos mais altos,
No País das Estrelas.

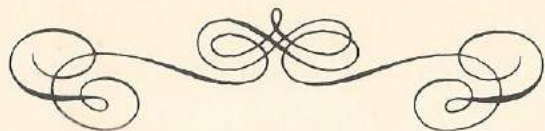


Nunca esmoreças

Alma fraterna, recorda:
Os momentos infelizes
Parecem noite de crises
Em que o Céu lembra um vulcão;
Rimbombam trovões no espaço,
Coriscos falam da morte,
Passa irado o vento forte,
Tombando troncos no chão...

Os animais pequeninos
Gritam pedindo socorro
Descendo de morro em morro,
Cai a enxurrada a correr...
Mas, finda a borrasca enorme,
No escuro da madrugada,
Em riscas de luz dourada,
Vem o novo amanhecer.

Assim é também na vida,
Se atravessas grandes provas,
Na estrada em que te renovas,
Guarda a calma ativa e sã;
Sofre, mas serve e caminha,
Vence a sombra que te invade,
Se a hora é de tempestade,
Há novo dia amanhã...



26

Perdão e Paz

O refúgio de amor da Boa Nova,
Denominado Casa do Caminho,
Albergava um montão de pessoas em prova,
Entremostrando, fartamente,
Doença, Inquietação, cansaço, desalinho...

O Sol se despedia no poente.
Tudo, em Jerusalém, no entardecer,
Requeria parada de lazer
Depois do dia quente.

Entretanto, na Casa do Senhor,
Intensa, prosseguia,
A tarefa de paz, de compreensão e amor...
Enfermos sem família que os quisesse,
Débeis mentais em desvalia,

Mulheres desoladas,
Crianças de ninguém, colhidas nas calçadas,
Junto dos companheiros de Jesus,
Alinhavam-se em prece,
Rogando aos Céus socorro, amparo e luz...

No transcurso do dia,
Simão Pedro suara e trabalhara tanto,
Que se acolhera, a sós, em singelo recanto,
Tentando se esquivar à estafa que sentia...
Mas, um dos assessores,
Veio apressado pelos corredores,
E disse-lhe, através da voz tremente:
— “Irmão Pedro, chegou à nossa porta
Um velhinho em feridas...
Geme e grita com dores incontidas.
É o rabino Joaz que conheceis,
Antigo fazedor de nossas leis”.
Pedro aprumou-se e respondeu:
Como quem se arrojara a intenso asco:
— “Joaz, filho de Aquim, o terrível carrasco,
Que odeia o mundo galileu”?
Em seguida indagou do jovem emissário:-
— “Não conheces a trama do Calvário?
Pois não sabes, nos textos em que estudas,
Que foi ele um dos vários matadores
Que aconselharam Judas
A complicar o Mestre Inesquecível”?
E, dando um murro à mesa,
Ajuntou: “É impossível!...
Aqui não entrará semelhante traidor...
Que ele sofra, por lei da Natureza,
Remorso e enfermidade, entre gritos de dor...”

Cumpro o que penso e falo,
Eu mesmo irei à porta, a fim de despachá-lo”...

Descia a noite devagar,
A penunbra invadia o grande lar.

Pedro avançava para a entrada,
Mostrando na expressão a alma rude e agitada
Mas, quase rente à porta, um homem sereno
Nele cravou o olhar calmo e profundo...
O apóstolo excitado o reconheceria
Fosse onde fosse, em todo o mundo...
Era Jesus, o Mestre Nazareno...

Empolgado de pranto e de alegria,
Simão interrompeu, atarantado,
“A que vindes, Senhor?
Ordenai o que for de vosso agrado”...

O Cristo replicou, carregando de amor
As palavras sublimes que trazia:
— “Compreendo, Simão, a repulsa que sentes,
Não pudeste esquecer as horas de agonia
Dos nossos dias diferentes...
Mas escuta, Simão:
É preciso abrandar o coração...
Olvidar toda ofensa é prosseguir em paz.
Pedro, venho pedir-te por Joaz,
Ele já não é mais o duro algoz de outrora,
É um pobre penitente que se escora
Nas chagas que carrega,
Um enfermo infeliz
De alma cansada e cega

Que a si mesmo se acusa e se maldiz...
Recorda a nossa fala de outras vezes,
Se Joaz te feriu a alma fraterna e boa,
Pedro, escuta!... Perdoa
Setenta vezes sete vezes...
Não te detenhas, vai,
Lembra o Infinito Amor de Nosso Pai...
Cada qual pagará pelas culpas que tem
Na justiça que vela sem cessar,
Quanto a nós cabe sempre a tarefa do bem:
Aprender e servir, compreender e amar...
Auxilia-me, enfim,
Faze o bem a Joaz, qual o fazes por mim”!...

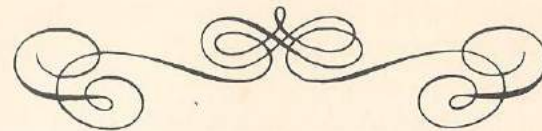
Dissolveu-se na sombra a divina figura;
O apóstolo chorou, tocado de amargura...
Depois, ganhou a porta em ritmo apressado.
Um homem seminu jazia esfarrapado,
Estirado na pedra à sua própria frente.
O antigo pescador contemplou o doente
E inquiriu sobre ele ao tristonho rapaz
Que se punha a assistí-lo.

O moço esclareceu:
— “Amigo, este é Joaz
Que pede proteção ao teto deste asilo,
Está mudo, febreento, desprezado...
Recebei-o, por Deus, ao vosso lado
Por tutelado e amigo,
O rabino de outrora hoje é um triste mendigo”...

Transformado, Simão,
Alçou Joaz

Ao nível de seu próprio coração.
Depois falou para o interlocutor:
— “Ide em paz,
Deixai Joaz conosco, é nosso irmão,
Ele pertence agora ao nosso amor,
Tal qual se fez e tal qual se apresenta”...

E enquanto o jovem sai como quem não se atrasa
A fim de obedecer aos seus chefes hebreus,
Pedro ainda aditou em voz tranquila e atenta,
— “Ele será mais nosso em nossa casa,
Que esta casa é de Deus”!...

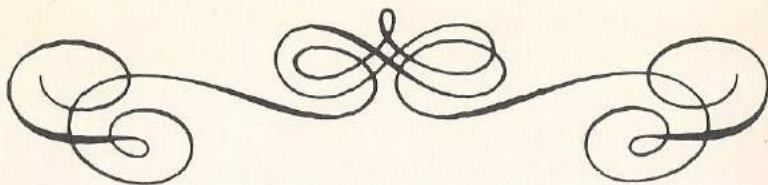


27

Anotação fraterna

Ouço-te, alma querida, a pergunta frequente:
— “Como vencer tanta barreira à frente?
Tanto empenho ao redor? Tanta prova em caminho?
Tanta pedra a cercar-me? Tanto espinho?
Como entender o lar em conflito constante?
Sinto-me qual formiga, enfrentando um gigante,
— O gigante da dor em que me vejo...
Por que lutar assim, se a paz é o meu desejo?!...”

Se posso responder-te, apenas digo:
— Não te atormentes, coração amigo,
A vida sobre a Terra é internato na escola.
O sofrimento que te desconsola
Em cada fase vale por ensino
Que te habilite à promoção
A mais alto destino,
Na conquista ideal da perfeição...
Observa contigo a imensa caravana:



Os companheiros da família humana...
Não acharás ninguém sem luta e sem problemas...
Esse irmão, rente a nós, caminha nas algemas
Da enfermidade em que se desfigura;
Aquele, a tropeçar na desventura,
Suporta a incompreensão dos seres mais queridos;
Outro exhibe nos ombros doloridos,
Embora ocultamente,
A cruz de quem governa muita gente,
Sem que o mundo perceba quanto dói
O fardo que o mantém
Preso ao nobre suor de quem serve e constrói
Para a extensão do bem;
Outros se arrastam carregando
Tribulações em bando:
Filhos em lamentável rebeldia,
Buscando a fuga em marcha estranha e cega,
Voltando ao lar depois pela senda sombria
Do presídio da angústia que os segregava
E amargas provações que surgem de surpresa,
Desânimo, penúria, abandono, tristeza...
Entretanto, alma boa,
Não te revoltas, segue!... Ama, perdoa,
Aceita-te como és e trabalha onde estás...
Obrigação cumprida é o caminho da paz.

Sofre e abençoa, chora mas porfia
Aprendendo as lições de cada dia...

A existência na Terra é a subida escarpada
E o dever nos recorda o símbolo da cruz;
Segue e agradece a Deus a aspereza da estrada
Que te eleva da sombra à exaltação da luz!...

28

Cercas

Alma querida, escuta:
Em tuas horas lentas
De inquietação, insegurança e luta,
Amargura e cansaço,
Ouvimos nós, noutros campos do Espaço,
As falas mudas que nos apresentam.

Muitas vezes, interrogas na oração
De espírito espantado e sofredor:
— “Se tudo o que esperei foi sonho vão,
Por que amarei assim, sem ter amor?
Por que me consagrar a filhos que amo tanto,
Se me ofertam por triste recompensa

A incompreensão imensa
Que me encharca de pranto?
Por que me dedicar com tanto empenho
Ao lar que me magoa.
No qual ninguém anota as lágrimas que eu tenho
Nem considera a cruz que me agrilhoa?
Que motivo me leva a entregar-me de todo
A certo coração que me espezinha
Que me cobre de lodo

Depois de ironizar a esperança que eu tinha?
Que razão me conserva a consciência
Presa a determinado compromisso,
Se aqueles que mais amo na existência
Não querem saber disso”?

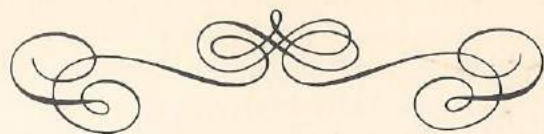
Dói-nos ouvir, no Além, a angústia com que indagas,
Mostrando o coração aberto em chagas...

É um esposo distante, é uma esposa esquecida
Do trabalho de paz que abraçou para a vida,
É um filhinho doente,
Gradeado num leito merencório,
É um parente infeliz em sanatório,
É uma pessoa amiga a gritar-nos em rosto
Acusações sem base em vinagre e censura,
A fazer-nos enfermos de desgosto
Ou cansados de dor, às portas da loucura...

Inda que tudo isso te aconteça,
Não fujas, alma boa,
Tolera a quem te fira, ama, perdoa,
Sem que a força do amor se te arrefeça.

Não fossem as prisões que nos guardam no mundo,
Duros grilhões, sem formas definidas,
Voltaríamos nós aos erros de outras vidas
Em delírio profundo...

A prova que te oprime em ásperas refregas,
O peso enorme dos tormentos teus,
E a dor da obrigação nas cruzes que carregas
São as cercas de Deus.



29

Experiências

Uma história de culpa e redenção
Que só pude entender
Fitando a vida na reencarnação:

Há mais de um século passado,
Jovem senhora de fortuna imensa
Desfez-se do homem bom que havia desposado,
Propinando-lhe a morte
Proveitando antiga desavença.

O marido morreu, sem saber que a consorte
Era a autora do crime...
Sob o açoite invisível de veneno,
Desligou-se do corpo, acreditando
Ter sido vítima de um bando
De conhecidos salteadores,
Que lhe haviam furtado extensa faixa
De lavoura e terreno...

Ela fingiu sofrer, chorou a lamentar-se,
Resguardando a frieza em pomposo disfarce:
Depois, armou-se de braço e herança,
Em seguida a mais ouro, ei-la que avança
No rumo do prazer, unicamente...
Borboleta das noites de aventura,
Converteu-se em esfinge de loucura
E espalhava paixões, assassinatos,
Suicídios e duelos insensatos,
Até que, um dia, a morte
Surgiu numa doença e abateu-a de todo...
A fidalga saiu de túmulo dourado,
Abominando o corpo aniquilado
Como quem deixa um cárcere de lodo.

Atônita, encontrou na própria mente
As sombras que largara para trás...
Via os homens que amara, odiando-lhe o nome
E os lares que ela mesma havia destruído
Sem alento e sem paz,
Padecendo viuvez, necessidade e fome,
Em razão dos seus gestos sem sentido...

Ao fim de tempo longo em suplício e cansaço,
Vendo em si própria a culpa e a punição reunidas,
Rogou regresso ao mundo em lágrimas doridas;
Queria renascer, desprezada e doente,
De maneira a expiar os erros que fizera...
Foi assim que a fidalga ressurgiu
Na penúria de humílima tapera.
Ninguém lhe conhecia a genitora...
A pequenina fora
Simplesmente enjeitada
Sobre o lodoso vão de uma velha calçada...

Recolhida num lar de gente boa,
Cedo mostrou-se como viveria,
Débil mental, vagando à-toa,
Muda e louca, chamavam-na Maria;
E porque andasse, ao léo, de porta em porta,
Fosse onde fosse, se chorava ou ria,
Populares gritavam: "sái, Maria!...
Não te queremos... Sái, Maria Torta!..."
E a pobre em se sentindo injuriada
Pelo cruel pejorativo,
Buscava defender-se a rugido e pedrada,
Ferindo o próprio peito morto-vivo...

Sessenta anos viveu à noite e ao vento,
Sem pouso certo, atada ao sofrimento...

Dias atrás, fui vê-la... Achei Maria,
Num recanto de pobre enfermaria...
Era um farrapo humano, uma sombra de gente
Que a moléstia arrasava, asperamente...

Dera-lhe a caridade um colchão por guarida
E a morte lhe traria o apoio de outra vida...

Agonizou, por fim, a nobre companheira
Que varara, gemendo, uma existência inteira.

Nós, — a equipe de simples servidores, —
Expressando-lhe amor em visita singela,
Orávamos em grupo, junto dela,
Suplicando a Jesus lhe amenizasse as dores...

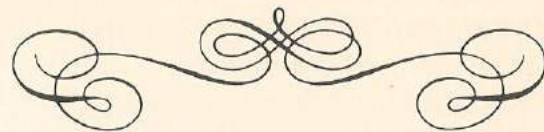
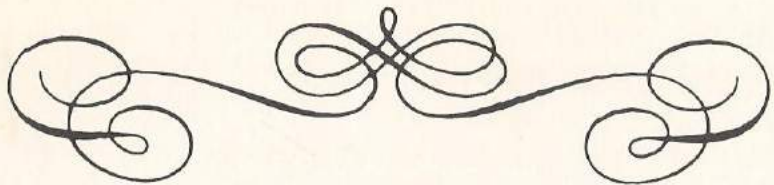
Quando o corpo cansado demonstrou
Que não mais lhe servia,

*Mensageiros da Altura, com cuidado,
Libertaram Maria...*

*Foi um deslumbramento inesperado.
A sala estreita e pobre iluminou-se,
Ramalhetes lembrando estranhas primaveras
Chegavam pelas mãos de amigos de outras eras...*

*Jubilosa e espantada, vi Maria
Deixar o corpo em pranto de alegria...
Seres angelicais cantavam em surdina
Doces evocações da Morada Divina...
A pobre soluçava ao tentar entendê-las...*

*Logo após, envolvida em flores luminosas,
Numa sege de luz, enfeitada de rosas,
Maria se elevou para além das estrelas...*



30

Minutos de Deus

*Bastas vezes, perguntas, alma boa,
Qual a razão do sofrimento...*

Porque a treva da angústia na pessoa...

*E também vezes muitas
A reçar a justa explicação,
Foges de coração cansado e desatento...*

*Enquanto podes fazer isso,
Satisfazendo a impulso vão,
Ausentas-te dos quadros de amargura,
Como quem busca o reboiço
Para esquecer o assombro e a inquietação
Que observas nos outros
De alma triste e insegura
Quando colhidos pela provação...*

Mas se um dia chegar em que não possas
Distanciar-te do recanto,
Em que a tristeza se conhece
Por neblina de pranto,
Por maiores as dores e os problemas,
Acende a luz da prece
E, esperando por Deus,
Não te aflijas, nem temas...

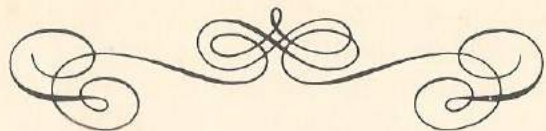
Ora, detém-te, anota, pensa e escuta
Sob as tribulações em que a sombra domina,
Quando estamos a sós, dentro da própria luta,
Rodeados, ao longe,
De constrangidos cireneus
É que achamos na vida
Os minutos de Deus,
Nos quais se pode registrar
A palavra divina.

Nas estações difíceis do caminho,
Que todos conhecemos
Por solidão, angústia, desengano,
À distância de todo burburinho
Em que o prazer humano
Lembra incêndio de sons que explode e estala,
Nessas pausas de dor do pensamento,
Em que o tempo parece amargo e lento
É que o verbo de Deus nos envolve e nos fala...
Mesmo sem qualquer força a que te arrimes,
Presta a própria atenção
À voz que te procura o coração
Nessas horas sublimes.

Entretanto, não creias,
Perante a aceitação a que te levas
Que Deus te reterá na mágoa que te invade,
Nas teias abismais da crueldade
Ou no bojo das trevas...
Logo após o celeste entendimento
Em que a bênção do Céu se te anuncia,
Ressurgirás em novo nascimento,
A dentro de ti mesmo,
Como quem se revê ao sol de novo dia...

Lembra o próprio Jesus,
Se consegues cismar, em torno disso;
Do berço em louvações
A última páscoa em festa, brilho e luz,
A vida do Senhor
Foi um hino de júbilo e de amor
Em música de paz e de serviço...
Mas chegando ao Jardim das Oliveiras,
Ei-lo escutando o Pai, horas inteiras...
E, através do diálogo divino,
Colocado em si mesmo, solitário,
Encontra o sacrifício por destino,

Desde a prisão injusta às pedras do Calvário...
Entretanto, depois
Da renúncia suprema,
Qual se guardasse em si o fel da humana escória,
No suplício final, perante a multidão,
Fez-se o Cristo Imortal do Amor e da Vitória,
Na luz divina da ressurreição.



31

Certa criança

Falávamos em torno da criança,
Numa reunião de cultura e amizade,
Na infância a flor da Humanidade
Que o Céu envia à Terra, em luzes de esperança,
Quando o Irmão Frederico nos contou
Por nota de serviço:

— Meus irmãos, quanto a isso,
Tenho um caso expressivo a relatar:
Sabem que fui pintor com grande clientela;
Certa feita, um garoto abordou-me no lar,
Seis janeiros de idade e presença singela,
Envergando um roupão imundo e roto...
Declarou residir num recanto de esgoto,
Perdera os pais na morte e pedia-me um pão.
Parei tocado de admiração.

Doía vê-lo assim, maltratado e sozinho,
Figurava-se um pássaro sem ninho,
Na manhã muito fria, a tremer e a tremer...
Enquanto se servia,
Qual se fosse num sonho de alegria
Da porção de merenda improvisada,
Fitei-lhe a cabeleira despenteada,
Os olhos luminosos de candura,
Os pés descalços com sinais de lama
E, abeirando-me dele, perguntei:
— Como se chama?
Ele me respondeu, como que a medo:
— Meu nome é Alfredo...

Uma idéia, de súbito, me veio:
Pintá-lo nuns momentos de recreio.
O pequeno aderiu. Pousou à minha frente,
No grande ateliê a que levei-o.
Após algumas horas, tive o esboço e a base
Para a tela maior que, então, me vinha à mente...
Depois disso, o “até breve” numa frase
E alguns magros tostões na mão pequena.
No entanto, ele indagou
Num tom de voz de fazer pena:
— O senhor não me quer para morar consigo?
— Não, Alfredo, — aduzi, — tenho o meu próprio lar,
Procura um outro amigo,
Alguém há de surgir que te possa ajudar.

Olhos em pranto, entre magoado e aflito,
Postou-se à frente do meu cavalete,
Onde me vira trabalhar,

E disse: o meu retrato está bonito...
Em seguida, saiu para não mais voltar.

Surge a pausa do amigo. A emoção se lhe aviva,
Logo após, continua a narrativa:

— Dói-me rememorar, porém confesso:

O retrato de Alfredo fez sucesso...

Ganhei muito dinheiro

Em cópias e encomendas

Para festejos e oferendas...

Mas sempre conservei o original;

Várias vezes, mudei de residência,

No entanto, a grande tela

A que emprestei o nome de "Inocência"

Foi sempre, em minha sala de serviço,

O quadro principal.

Trinta e cinco janeiros transcorridos,

Com meus filhos casados... Eu doente,

Certa noite, a lembrar os tempos idos,

Observei que alguém, de passo leve,

Penetrara-me a casa, mansamente;

Colocando-me à espreita e firme à escuta,

Vi que esse alguém

Na sala de trabalho, quase à minha frente,

Manejava lanterna diminuta...

Sustentava, porém, junto ao meu leito,

Num disfarce perfeito,

O botão de uma forte campainha,

Cujo toque de alarme

Somente dava som em morada vizinha,

Onde, a qualquer instante de perigo,

Um devotado amigo

Estava pronto para auxiliar-me.

Esse amigo que amei qual se fosse meu filho,

Tinha uma chave de meu domicílio...

Fiquei, ansiosamente, a esperar e esperar,

Tremendamente mudo...

O assaltante, contudo,

Rebuscava o meu cofre, devagar...

Decorridos minutos,

Um grupo socorrista,

Ante a estranha ocorrência,

Penetrou-me, depressa, a residência,

E pôs-se logo à vista.

Fez-se luz e agitado companheiro

Atirou no infeliz

Que caiu, colocando as mãos no peito.

Ergui-me e vim para o recinto estreito...

O assaltante era um homem bem vestido

Que, a princípio, supus desconhecido;

O sangue a borbotar do peito aberto

Anunciava a morte, ali por perto...

Ele, porém, fitou-me longamente,

Depois de contemplar a tela em frente,

E, em seguida,

Falou-me em voz sumida:

— O senhor

Deve ser o pintor...

Vai lembrar-se de mim...

E como quem se via

No instante amargo e exato

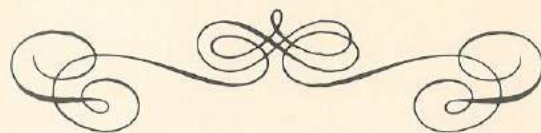
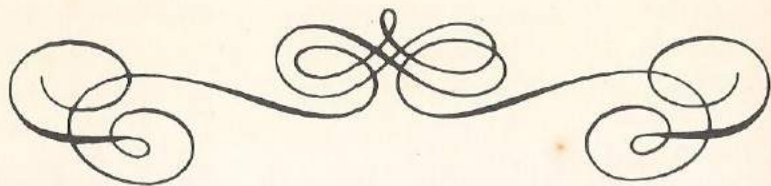
Em que achava no piso o próprio fim,

Disse ainda mais quase que em segredo:

— Eu sou o Alfredo,

O Alfredo do retrato...

Sob forte emoção,
O amigo terminou a narração:
— Naquela mesma hora,
Debrucei-me chorando sobre o morto,
Atrelado a terrível desconforto...
E, ainda hoje, penso muitas vezes
Que, na Terra, por mais que se resguarde
A infância, como sendo a aurora da esperança,
O socorro à criança
Quase sempre é uma luz que brilha muito tarde...



32

Deus te guarde

Deus te guarde, alma querida e boa,
Pela dor que não dizes,
Quando a injúria te induz a suportar
Os problemas e os atos infelizes.

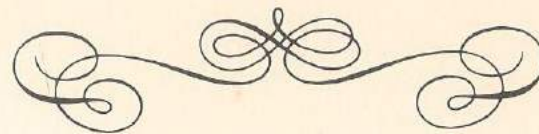
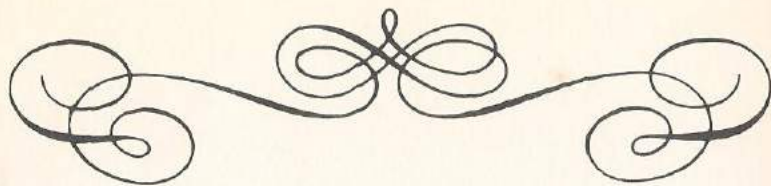
Deus te compense a tolerância
Quando olvidas o mal,
Interpretando aquele que te agride
Por doente mental.

Deus te ilumine a frase de humildade
Ante o verbo agressor,
Quando te apagas para garantir
A presença do amor.

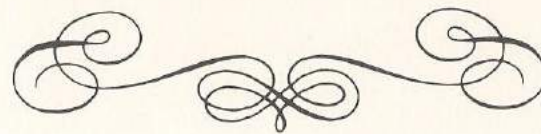
*Deus te engrandeça o gesto de renúncia,
Onde a ambição, às tontas, se compraz,
Quando saber perder conforto e benefício
Em proveito da paz.*

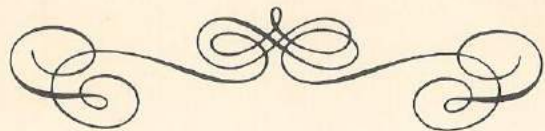
*Deus proteja o silêncio em que te esforças
Na compreensão que te sustém,
Quando toleras golpe ou desafio
Sem ferir a ninguém.*

*Por tudo o que há de bom que nos ofertas
Na jornada de luz que te bendiz,
Pelo perdão constante em que te nutres,
Deus te guarde, alma irmã, Deus te faça feliz.*



*Sofre e abençoa, chora mas porfia
Aprendendo as lições de cada dia...*





*A existência na Terra é a subida escarpada
E o dever nos recorda o símbolo da cruz;
Segue e agradece a Deus a aspereza da estrada
Que te eleva da sombra à exaltação da luz!...*



Cultura Espírita União

Impressão: Cia. Lithográfica Ypiranga





